

HOMEM, QUEM ÉS, O QUE ÉS?*

Fernando de Azevedo

<O homem> ataca e mata. Sem ter fome e sem ser atacado. Outra característica do homem: linguagem articulada e faculdade de rir. O homem, um animal que fala e um animal que ri. Que fala, freqüentemente mal como estou falando agora, mas o que é pior, tem o hábito de falar muito mal dos outros, hábito que eu não tenho.

A faculdade de rir: o homem é um animal que ri. O riso é uma linguagem também. Reparem vocês, que o homem não precisa falar para exprimir as suas idéias, seus sentimentos, suas reações. Rindo e pela maneira de rir ele diz tudo e, às vezes, a ponto de desconsertar a gente, só pelo rir; a maneira de rir. Agora, o riso também é uma linguagem que sublima, que marca, que desenvolve, que associa, que sublinha a própria linguagem articulada. Quando falamos vamos (podemos dizer) sublinhando, acentuando, assinalando, marcando mais as nossas palavras, nossas idéias e nossos sentimentos pelo riso, pela maneira de rir. E mesmo sem falar nós podemos exprimir muita coisa, muito de nosso sentimentos, nossas reações, apenas rindo.

<Há> risos de toda ordem: o riso amável, sorriso; o riso, o riso motejador; riso de desprezo e riso agressivo. Nós podemos responder ou agredir uma pessoa pela maneira de rir e a pessoa se ofende mais do que quando falamos.

Eu tinha anotado duas observações muito interessantes para vocês, mas estão me escapando. A memória, às vezes e até freqüentemente, é traiçoeira, arisca e fugitiva. Mesmo a gente puxando pelas orelhas não consegue obtê-la, fazê-la presente quando a queremos. Agora, por exemplo, já por duas vezes ela me escapou.

Estou fazendo com certa dificuldade <esta palestra> por não estar me sentindo bem, como declarei ao Professor Antonio Candido. Mas achei que tendo me

* Texto inédito de aula ministrada em 11 de março de 1973. Promoção IEB, Anfiteatro de História. Prédio Geografia e História/USP. Transcrição realizada por Júlio Augusto F. C. Farias e Maria Helena Pinotti Schiesari. Docum. Atividades do IEB. Arquivo/IEB.

comprometido a falar hoje e tendo vocês, moças e rapazes, tido para comigo a gentileza de acudirem para me ouvir, eu devia falar, não podia fugir deste compromisso, ainda que falando mal, me exprimindo mal, com certa dificuldade e tensão nervosa. Mas, dizia então, nós temos uma tal capacidade de nos exprimir pelo riso que, às vezes, nos dispensamos de falar. E agradamos sorrindo... Tanto podemos agradecer sorrindo, como desagradar, ferir, agredir, sorrindo ou rindo, sem falar, portanto.

Agora, falando dessas características do homem, linguagem articulada e capacidade de rir: o riso às vezes é supletivo da linguagem, pode substituir a linguagem e substitui muito bem. Agora, uma outra característica do homem que é muito interessante (que o define na escala animal afastando-o de todos os outros tipos): <enquanto> os animais agarram, o homem, além da linguagem articulada e do riso, tem a capacidade de apor o dedo polegar ao indicador. É desta maneira que escrevemos. É desta maneira que se costura, que se escreve, é dessa maneira que se pode usar uma arma de fogo. Os outros indivíduos da escala animal agarram, só usam as mãos para apreender, não têm essa capacidade delicada de apreensão ajustando o polegar ao dedo indicador; esta é característica do homem.

Eu tinha anotado, além disso, uma coisa. Não trouxe. Era uma observação que eu tinha feito em casa e que queria ler a vocês, mas estou vendo que não trouxe comigo. Mas então, vamos resumir. A primeira característica do homem: cabeça alta, olhos para cima, quando os outros animais têm cabeça baixa e os olhos, geralmente, para frente, porém para baixo, não para cima. Cito aquele verso de Ovídio: "Deus deu ao homem um nobre aspecto. Mandou olhar para o céu e ter o rosto voltado às estrelas".

<Assim, é a partir> desta capacidade de se exprimir pela linguagem articulada e pelo sorriso que os homens podem comunicar-se entre si, com os indivíduos das suas gerações e das diversas gerações que se sucedem no tempo. Pois veja, pela linguagem articulada a gente pode recolher através dos séculos, dois, três, quatro mil anos, todos os conhecimentos e experiências acumuladas pelo homem, que foram transmitidas pela linguagem falada e depois pela linguagem escrita, mais tarde pela imprensa e agora pelos meios modernos como o rádio e a televisão. Essa aposição do polegar com o indicador, com o qual ele pode praticar os atos mais delicados como por exemplo escrever – nós temos uma maneira de escrever com os dedos da mão direita ou esquerda sempre com o polegar e o indicador – e a maneira de apreender as coisas, uma apreensão fácil, delicada, a de escrever, <a de> costurar; e também para matar, tomar um gatilho, acionar o gatilho de uma arma de fogo.

Depois de ter <falado> a respeito das características do homem – cabeça alta, olhos para frente, linguagem articulada, a capacidade de rir, a gesticulação e essa capacidade de ligar o dedo polegar ao indicador, coisas que nos permitem escrever, costurar e usar armas de fogo – eu gostaria que os senhores fizessem perguntas para

esclarecer qualquer desses pontos ou então apresentar suas objeções ao que acabo de dizer. Acho que uma conferência, uma palestra não está completa sem estabelecer o diálogo de quem fala, de quem está com a palavra e daqueles que estão ouvindo. Não façam cerimônia não, por favor. Há alguma objeção a fazer? Alguma pergunta interessante a que eu possa dar a resposta sobre esses itens? Estou com uma cara feia hoje? Está ótimo? Parece, porque ninguém fala! Agora a moça está fazendo uma pergunta, pois não.

O senhor não fez referência ao pensamento do homem.

Mas... Olha aqui, filha, eu não fiz referência ao pensamento do homem porque está incluso a tudo que eu acabei de dizer! Repare bem: a cabeça alta e sempre disposição de olhos para cima; a linguagem articulada. Quando falo de linguagem articulada, ao falar em sorrir e rir, está claro que está incluso o pensamento do homem, porque o homem fala, e quando fala está pensando, pensa antes, e mesmo pensando mal, está pensando, quando fala. E quando fala também tanto no sorrir quanto no rir, está incluso o pensamento. Ele é impelido a falar e a rir pelo pensamento, pensando. Ninguém fala sem estar pensando ao mesmo tempo. O fato de falar implica a idéia de pensar, como o fato de sorrir e de rir. Ninguém ri ou sorri sem pensar, sem estar pensando, sem ser por força de um pensamento ou idéia que lhe ocorreu. Está bem? Que mais? Fale filha! Pode insistir na objeção, diz que não está satisfeita! Está satisfeita? Vamos a outro.

Eu gostaria que o senhor explicasse sobre a capacidade do homem de não se submeter à natureza, transformando-a para viver.

Não se submeter à natureza transformando a natureza... Esta é uma observação muito interessante. Porque o homem não é também o único animal que não se submete à natureza por querer transformá-la. Porque os outros animais também o fazem. Todos os outros animais. Quando fazem sua toca, eles se dispõem a acomodar-se na sua casa, na casa que eles mesmos constroem. Eles estão modificando a natureza, a paisagem, eles não se adaptam à paisagem sem um esforço natural para adaptá-la às condições de sua vida.

Agora, o homem, não. O homem não só se acomoda à natureza, mas procura estar constantemente trabalhando no sentido de transformar a natureza. E ele precisa da natureza para suas construções. Nós, por exemplo, estamos falando numa sala. Esse edifício é construído onde havia uma paisagem. Ele destrói a paisagem para levantar suas construções neste e naquele sentido: edifícios, postes, elevadores, tudo que é construção humana se faz a partir de sacrifício da paisagem. Destrói a paisagem para construir o que lhe interessa no momento, dispondo da natureza em seu favor, em seu benefício, para atender aos seus interesses imediatos. Esta é a capacidade do homem de transformar. O homem é o único animal que destrói constantemente

a natureza para fazer, para construir, para criar, para realizar as suas criações. Os outros animais, os outros indivíduos da escala animal transformam também a natureza, mas em dimensão muito restrita, apenas para acomodar, para condicionar, para melhorar as condições do seu *habitat*. O homem não. Então? É isso?

Prof. o senhor pediu à moça que fizesse objeções as suas palavras para provocar esse diálogo. Então quero fazer a minha objeção. Eu sou arquiteto, e a função do arquiteto não é destruir a paisagem, mas melhorar a paisagem. Nossa intenção não é destruir a paisagem, pelo contrário, é melhorar a paisagem, nós construímos com esse objetivo.

O arquiteto destrói sim a paisagem para construir; depois levanta, restabelece a paisagem para atender aos interesses da sua construção. Destrói a paisagem porque ele não pode construir sem destruí-la.

Eu continuo fazendo objeção.

Depois de destruir a paisagem ele constrói. Destrói para construir. Depois levanta a paisagem para guarnecer, dar mais beleza à sua própria obra de arquiteto.

Mas a obra do arquiteto não visa sua vaidade, ele faz para servir ao homem. Então, está criando uma nova paisagem que agrada ao homem.

Certo! Que agrada ao homem.

Então não está destruindo, está construindo uma nova paisagem.

Está construindo uma nova paisagem exatamente para agradar ao homem. Exemplo: as praias de Santos, a praia da Ilha Porchat. Os arquitetos, há uns quinze anos atrás, começaram a construir uma paisagem maravilhosa. Até que os arquitetos, mais recentemente, com comerciantes, fizeram aquela coisa horrorosa que são aqueles prédios nas encostas, nos sopés e no topo da ilha. Deturparam completamente <o projeto> e ficou aquela monstruosidade.

Agora, se me permite, isso não é obra propriamente dos arquitetos. É obra das grandes empresas construtoras. A culpa é dos engenheiros, porque os prédios são tão mal construídos que não se pode lançar a responsabilidade aos arquitetos, mas ao engenheiro que faz o prédio; os engenheiros que estão a serviço dessas grandes empresas e que fazem um projeto, como já disse, uma obra que visa os interesses imediatos da empresa. Não é propriamente o arquiteto. Arquiteto é o engenheiro que tem as suas vistas voltadas para o planejamento de uma obra, não só dentro das condições da paisagem, mas que seja, também, uma obra de arte, não é isso? E o engenheiro não está se preocupando com a obra de arte. Está fazendo uma obra que possa interessar aos indivíduos que o contrataram e interessar a ele, projetista, realizador e executor daquela obra.

Você me dá licença de responder à agressão do Professor Araújo? Continuando o meu ponto de vista, quando fiz o meu protesto aqui ao Prof. Fernando de Azevedo, me referi aos arquitetos em tese. Evidentemente, todos os arquitetos são humanos e cometem erros como todo homem e muitas vezes o arquiteto consegue destruir a paisagem e construir "monstros" que prejudicam a paisagem ao invés de melhorá-la. Mas eu defendo isso em tese: o objetivo do arquiteto é criar novas paisagens que sirvam ao homem. Agora, quanto aos paredões de Santos e da Ilha Porchat, eu também estou de acordo com o professor Araújo e também não acusaria os engenheiros, eu acuso a vida que nós levamos de exploração imobiliária. Então, os interesses imobiliários é que vão avançando, avançando descontroladamente e destroem a paisagem, e destroem até o nosso conforto.

O homem modifica a paisagem natural, construindo uma paisagem através do seu artifício...

Eu não digo artifício <mas sim> pela sua capacidade de imaginar e <pela> capacidade de criação. Mas não é propriamente artifício, não. Não acha?

Eu queria fazer mais uma "defesasinha", pois afinal de contas fui fazer uma intervenção e passei a ser o alvo de todas as críticas...

Com todo prazer para nós e para todos.

Eu vou dar uma informação aos presentes: aqui em São Paulo, das construções que se fazem, não chegam a 5% as que têm a assinatura de um arquiteto. Então, a nossa responsabilidade é relativamente pequena na destruição das paisagens.

É muito pequena sim. São dos engenheiros, não é?

Não quero acusar ninguém...

Mas é do engenheiro sim... Muitas vezes o que destrói não é a construção, é a intenção de exploração imobiliária que não respeita interesse nenhum a não ser este objetivo.

Eu não me referi às firmas, eu me referi à exploração imobiliária. Não é a firma, não é o arquiteto ou o engenheiro que são os responsáveis. Como você disse, nós não temos uma organização preparada para isso. Então, os interesses imediatos vão se sobrepondo a tudo e as paisagens vão sendo destruídas.

Nós, arquitetos e engenheiros, vamos lutando pela liberação de planos, desses planos que defenderiam esses arquitetos. Se nós fizéssemos tudo planejado, limitaríamos muito a destruição da paisagem. É que nossas coisas

são feitas por interesse momentâneo, sem uma regulamentação, sem uma fiscalização maior. Então, elas vão destruindo as paisagens...

O verde! Reduzindo a área verde da cidade.

O senhor já disse que partiu traçando observação em torno da possibilidade de se falar sobre a concepção de progresso científico.

De uma determinada concepção de progresso, mas concepção que pode, por exemplo, agradar a uns e desagradar a outros, mas, em todo caso, é uma dessas concepções de progresso. O progresso não é visto da mesma maneira e de maneira igual por todos os olhos. Cada um vê o progresso a sua maneira, segundo a sua concepção de vida.

Há a possibilidade, então, de prever para prover?

Há sempre essa possibilidade de prever para prover. Agora, previsões a curto prazo.

Ou a longo prazo?

Não, a curto prazo. A longo prazo eu me perguntaria: A longo prazo como? O que se pode prever para daqui a cem anos?

Agora, quem mais tem alguma objeção a fazer? Aquele rapaz ali. Seu nome por favor?

Marcos Sérgio.

Marcos Sérgio, podia falar um pouco mais alto por favor?

No campo das ciências físicas, atualmente, existe a possibilidade de se prever muito melhor que no campo das ciências humanas...

Não, parece-me que não. A capacidade de prever no campo das ciências humanas não é grande. E também acho que mesmo no mundo da física, da química e da biologia, esta capacidade de perceber, de prever, também não é. A capacidade que o homem tem de prever é muito reduzida. E nós vemos, a cada momento, os erros que se cometem por ter escapado ao homem a visão do futuro. Não está suficientemente desenvolvida a sua capacidade de previsão. Eu perguntaria ao senhor, respondendo às suas observações: o que o senhor podia prever, por exemplo (nós estamos nos idos de 1973), para 2000? Até hoje tem se falado bastante no fim do mundo, não é? Eu me lembro de trabalhos que li referentes ao ano 1000, a humanidade tremia de susto quando se aproximava o ano 1000. Porque se entendia, naquela época, que o ano 1000 era o fim do mundo. E você vê que, passados 973 anos, este mundo ainda está bem disposto!

Dos 1000 passará, aos 2000 não chegará!

Chegaremos sim, quer dizer, chegarão vocês, eu não espero chegar a tanto! Eu não chegarei até lá, mas chegarão vocês e passarão dos dois mil. Não se pode estabelecer nada.

O senhor não acha, professor, que nós não podemos prever tudo, mas podemos prever alguma coisa? E a vida imediatista que nós estamos levando hoje indica este pensamento no futuro, este pensamento de previsão. Então muitas das faltas de previsão não são consequência natural das coisas, são consequência da falta de preocupação em prever. E por isso nós, arquitetos, nós engenheiros também, sempre propomos os planejamentos, porque se as coisas crescem espontaneamente, crescem com defeitos, que nós podemos evitar se fizermos previsões. Então a técnica, a física, pode prever certas coisas exatamente certas. Mas em muita coisa da nossa vida natural podem ser evitados os erros, podem ser evitados se nós fizermos um pouco de previsão e se tivermos a preocupação de prever.

A previsão, esta capacidade de previsão é tão falha... Em matéria de saúde e de vida, eu tenho tido notícias de coisas verdadeiramente surpreendentes. O médico, por exemplo, examina a pessoa e a acha bem de saúde... "você não tem nada, talvez preocupações, está em perfeita saúde, tem um bom coração, pulmões de menino!" O "menino" sai e vai embora. Eh, previsão médica... Ou então, previsão de morte próxima, e a pessoa vai vivendo através de anos, tendo sido prevista a sua morte. Inclusive tem um caso comigo mesmo. O senhor está me vendo daí, não? Parece que estou com saúde relativa, falando de pé, sem ares de grande cansaço, talvez com alguma fadiga, mas sem ares de grande cansaço. No entanto, se eu tivesse atendido a dois médicos, que ouvi na ocasião, médico a quem eu procurara e outro a quem minha família me encaminhara para novo exame, tal o sofrimento causado em todos da casa pelo prognóstico do médico, eu já tinha morrido há cinquenta anos. Parece-me que estou me saindo muito bem. Há cinquenta anos, não dava vida para meses. O diagnóstico era muito severo. Então, todos nós erramos, e é muito difícil, mesmo para um médico, prever. Prever um estado, a não ser estados graves e muito graves; aí se pode fazer previsões. Mas, o indivíduo relativamente bem, fazer previsões a respeito do coração, dos pulmões... De repente, não, a pessoa vai ao médico, que o acha muito bem de saúde, diz: "Você não se preocupe com isto". "Está bom, o senhor é o médico". Um grande médico, um grande clínico, com uma boa, uma grande reputação e muito justa, que conseguiu a custo de grande esforço e seriedade, trabalho na profissão. Mas vai o doente ao médico, este doente acompanhado da mulher. O médico examina, acha o estado de saúde excelente. Faz todos os exames aconselháveis quando a família está muito preocupada e o suposto doente também com seu estado de saúde; vai ao médico com sua família.

Isso é fato exato que eu conheci. Vai ao médico, um dos maiores médicos do Rio de Janeiro. O médico examinou atentamente, achou que o coração e o pulmão eram de menino, estava tudo muito bem, que não tinha que se preocupar com isso, que fosse pra casa, que desse uma volta pela cidade e depois fosse lá para Petrópolis, Teresópolis, ou uma dessas cidades serranas, para se distrair e esquecer, pois, parecia estar preocupado demais consigo, para se esquecer. Muito bem. Aquela senhora que estava preocupada ficou satisfeita, tomou-o pelo braço, despediu-se do diretor, ou melhor, do médico; quase que o acariciava de tanta alegria, diante do diagnóstico e do prognóstico e sai. Ele vai até a porta, a senhora avisa à telefonista, à secretária do médico, para telefonar para tal garagem para chamar um automóvel. Eles descem, o automóvel pára à porta, o médico chega até o seu paciente. Quando ele põe o pé no automóvel para ir para casa, cai morto.

(Pergunta não entendida)

Objetividade. Objetividade de análise e reflexão. Não admitir nada de verdadeiro, de verdade ou de possível verdade, a não ser depois de um exame atento ou objetivo. Ciência para mim é objetividade de exame e reflexão madura sobre o que se viu observado. Objetividade, se me permite, é a submissão ao objeto. Isto que é objetividade.

Seria possível essa objetividade sem relógio e sem calendário?

Eu não gosto de calendário por causa de idade, não é? Agora, eu também não gosto muito de consulta ao relógio. Quando vou trabalhar, por exemplo, em casa, eu tenho um relógio no quarto, comigo. Mas não o consulto. Acerto o relógio pelos deveres da casa, as necessidades da casa, no trato com a empregada, hora de refeição etc. Mas eu mesmo não consulto o relógio. Quando eu vou trabalhar, vou trabalhar sem hora. Acabei de jantar, quando me disponho a trabalhar, sento à mesa para trabalhar sem ver a hora em que me sentei à mesa e sem preocupações com a hora de acabar. Portanto, não gosto muito de relógio, não.

Se eu tenho um compromisso para estar presente a uma hora determinada, estou atento à hora pelo compromisso que assumi, para não faltar ao compromisso assumido...

E vale a pena integrar-se tanto na sociedade? Não é melhor a gente viver cada um a sua própria vida? Eu não tenho muita preocupação com a sociedade, nunca tive. Mesmo para trabalhar nunca me preocupei muito. Assumi cargos de direção e projetei reformas e algumas reformas radicais, e não me preocupei muito com a sociedade, como a sociedade reagiria diante do impacto de reformas radicais que promovi. Essa luta eu procurava sustentar e tive lutas fortes, muito duras e, algumas vezes mesmo, tempestuosas, por não me preocupar muito com a sociedade. Se eu tenho que fazer reformas, eu penso, naturalmente, no que conclui mais naquele

ponto de vista, naquele tópico, por exemplo, nos de educação e cultura. No campo da educação, que reformas eu teria que fazer, teria que promover. Promovendo essas reformas, eu sei que a sociedade reagiria em certos pontos bem, ou poderia reagir mal e de maneira, às vezes, agressiva, impedindo a execução das reformas planejadas. Ao insistir, muitas vezes, a sociedade acaba cedendo. Eu posso dizer isso... No Rio de Janeiro, quando eu fui Diretor Geral da Instrução Pública por 4 anos, claro que com um grande apoio do Presidente e do Prefeito, eu fui muito atacado pelos jornais durante dois anos. Atacado, agredido, às vezes atacado duramente, num período de dois anos, por causa das reformas que estava empreendendo. E os jornais, naturalmente, movidos pelos grupos interessados, mas contrários às reformas, atacavam-me com uma grande violência.

Deixei passar e continuei a fazer a mesma coisa, e quanto maior o ataque, maior a minha vontade de insistir, custe o que custar, quanto custar e a quem custar. Dois anos depois, esses jornais que mais me atacavam, que mais me agrediam, passaram a me apoiar integralmente e sem reserva. Aí, já não precisava tanto do apoio deles, porque o que eu tinha que fazer de mais importante e radical já estava feito. Mas passaram a apoiar-me sem reserva durante os dois últimos anos. Ou porque entendiam, a maior parte deles, que eu estava certo nas reformas que planejava e procurava executar, ou por cansaço, porque também agressão cansa, não é? Não só cansamos quando somos agredidos, mas aqueles que nos agredem acabam cansando de agredir, e voltam para as suas casas para dormir um bom sono na rede.

Eu gostaria que o senhor ligasse a noção de homem que o senhor tem, com a situação da educação brasileira hoje, ou seja, o senhor caracterizou o homem como um animal capaz de se exprimir, e essa expressão revela um pensamento, a capacidade de pensar do homem. A educação, talvez por estar diretamente ligada à problemática do homem, naturalmente, está envolvida nesta concepção do homem. Também gostaria que o senhor dissesse como vê os rumos da educação brasileira hoje, se ela está mais voltada para uma atitude de colaboração.

O senhor me pergunta, então, como eu vejo os rumos da educação brasileira hoje? Gostei muito de ouvi-lo, foi um prazer ouvi-lo; o que o senhor está me pedindo é um assunto de conferência. Como nós estamos vendo o rumo que toma a educação brasileira hoje. Se é que ela está bem "rumada" ou "arrumada". Eu não sei. Estou vendo que as coisas estão tão confusas em matéria de educação, educação em todos os graus, de todos os tipos: educação da infância, educação da adolescência, educação na universidade e todos os tipos. Eu acho que está tão confuso tudo isso, que não me abalaria a dar uma opinião. O que eu vejo em matéria de educação, hoje, é extremamente confuso. Se o senhor puder me esclarecer sobre o que se passa na educação, na educação brasileira, a situação atual e os rumos que pretende

tomar, ou a direção que, me parece, estão inclinados a dar a essa educação, eu ficaria satisfeito, porque eu não estou compreendendo.

É exatamente este depoimento que eu gostaria de conhecer.

Eu posso fazer depois. Eu posso até fazer uma conferência aqui. Uma conferência sobre educação brasileira. Seria interessante promover, então, um curso de conferências. Convidarmos 6 ou 8 pessoas para fazer conferências aqui. Eu me comprometeria a fazer uma delas. Porque o problema é tão complexo e de tamanha extensão, que não se pode abordar todo o problema em uma conferência, só em uma série de conferências. Interesses de várias pessoas, porque daria a maneira de ver de cada pessoa, ver os mesmos problemas. Maneiras diferentes de encarar os problemas. Cada um tem o seu modo de ver, sua concepção de educação e dos rumos que lhe pretendem imprimir. Seria interessante para uma série de conferências aqui...

Está acetlo, e o senhor tem a incumbência de fazer uma delas.

Está entendido. À disposição dos senhores...

Há uma gente que às vezes bate à porta: Uma esmolinha pelo amor de Deus! E eu estou dizendo: Uma objeçãozinha pelo amor de Deus! Façam.

Essa incapacidade do homem de prever não estaria ligada às características do homem? Uma pequena história da estupidez humana?

Pois é, devemos ter a própria? Eu não escrevi sobre estupidez humana, porque acho o homem, a inteligência do homem, uma tamanha capacidade que o homem tem de encarar e superar as dificuldades e tamanho poder de criação, que nunca acabaria na estupidez humana. A estupidez é de indivíduos, de indivíduos humanos, indivíduos. Mas o que há de mais admirável no homem é a sua inteligência e capacidade de criação.

Quem és, o que és.

Bom, o ato de mudar e reconhecer as limitações do homem. Eu acho que o homem tem uma parte de inteligência, um poder de criação, e realizou, em todos países, em todas as épocas, há três, quatro mil anos, uma obra tamanha – obra de civilização –, que procura encarar mais a sua capacidade de inteligência devido ao seu poder de criação, do que as limitações dessa inteligência. Que limitações podemos dizer da inteligência humana, quando não temos um ponto de comparação? Antes da gente estabelecer as limitações de uma inteligência, é preciso conhecer outro tipo de inteligência, superior à do homem. Outro tipo de inteligência, não vejo. Que outro tipo de inteligência? O homem realizou uma tal obra – quatro, três, quatro mil anos – que em todos os sentidos, mostrou, atravessando uma experiência de

todos os povos até hoje, experiência de tal maneira enriquecida, que hoje já não falamos apenas diretamente às pessoas, podemos falar à distância com qualquer pessoa. Essas viagens... o rádio, a televisão, que nos trazem para casa tudo que se passa fora por um pequeno aparelho. E depois, as viagens astronáuticas, viagens planetárias. Quem quer mais inteligência do que isso, uma inteligência, um poder de criação, aliado a um extraordinário poder de...

Prever!

Não, de prever não! Um poder de... Um extraordinário poder de criação e uma extraordinária capacidade de resistência. Porque isso de subir, entrar numa... Como se chama? numa cápsula, e fazer uma viagem e ficar, por exemplo, semanas, e chegar até a lua, descer à lua. Que inteligência do homem! Descer à lua e percorrer, através de um pequeno automóvel, um veículo motorizado, percorrer parte da lua e depois voltar e dar notícias da lua; aí se dirá: Mas isso é lunático! Quer dizer, antigamente era lunático. Hoje esta palavra perdeu o sentido.

Eu sugeriria que nós interrompêssemos o debate, porque há uma hora e meia já <estamos conversando>.

Não, eu estou à disposição...

É que o senhor comunicou de início que não está bem de saúde hoje...

Não estou, agora fiquei bom! Eu não estava bem mesmo, por isso avisei antes de começar, mas em contato com vocês fiquei bom. Estou à disposição.



Fernando de Azevedo/Austregésilo de Ataíde. Posse na Academia Brasileira de Letras, 24 set. 1968.